

Gênero, Sexualidade e Religiões

Religião e masculinidade: uma análise do culto a Príapo na construção da identidade masculina na Roma antiga.

Bruno de Jesus Roberto¹

Resumo. Este artigo explora a importância dos mitos na construção da realidade, conforme abordado por Mircea Eliade, que vê os mitos como narrativas essenciais para a compreensão do mundo e da ordem cósmica. Aplicando essa perspectiva ao culto a Príapo na Roma Antiga, analisamos como essa divindade da fertilidade e virilidade moldava a identidade masculina romana. Através de práticas religiosas e simbolismos associados a Príapo, destacamos a interconexão entre religião e normas sociais, revelando como os mitos influenciam e reforçam normas de gênero e poder. Este estudo oferece uma visão aprofundada de como o culto a Príapo refletia e consolidava as expectativas culturais romanas.

Palavras-chave: História; Religião; Priapo; Masculinidade.

Abstract: This article explores the importance of myths in constructing reality, as discussed by Mircea Eliade, who views myths as essential narratives for understanding the world and cosmic order. Applying this perspective to the cult of Priapus in ancient Rome, we examine how this fertility and virility deity shaped Roman masculine identity. Through religious practices and symbols associated with Priapus, we highlight the interconnection between religion and social norms, revealing how myths influence and reinforce gender and power norms. This study offers an in-depth view of how the cult of Priapus reflected and consolidated Roman cultural expectations.

Keywords: History; Religion; Priapus; Masculinity.

1. INTRODUÇÃO

A importância dos mitos na construção e compreensão da realidade tem sido amplamente discutida na obra de Mircea Eliade, um dos mais influentes estudiosos do campo da história das religiões. Eliade argumenta que os mitos desempenham um papel fundamental na percepção do mundo, servindo como uma ponte entre o sagrado e o profano e ajudando os indivíduos a situarem-se dentro de uma ordem cósmica maior. Para Eliade, os mitos não são meros contos arcaicos,

¹ Bacharel em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná e acadêmico em Direito pela Universidade Estadual do Paraná, e-mail: bruno.jesus.roberto@uel.br .

mas sim narrativas que conferem sentido e estrutura à experiência humana, proporcionando uma compreensão profunda da realidade que transcende o cotidiano. Eles oferecem uma visão estruturante, um modo de interpretar o mundo e de situar o homem em relação ao divino e ao seu próprio papel na sociedade.

Este conceito é particularmente revelador quando aplicado à análise do culto a Príapo na Roma Antiga. Príapo, uma divindade menor associada à fertilidade e à virilidade, desempenhava um papel significativo nas práticas religiosas e culturais da Roma antiga. O culto a Príapo, muitas vezes satírico e carregado de um simbolismo erótico, não só refletia as atitudes em relação à sexualidade e à fertilidade, mas também contribuía para a construção e afirmação da identidade masculina romana. A reverência a Príapo não se limitava a uma simples adoração, mas envolvia uma série de rituais e práticas que afirmavam valores e normas sociais, além de estabelecer uma forma de identidade masculina que combinava atributos de força, proteção e procriação.

Portanto, ao examinarmos o culto a Príapo através da lente das teorias de Eliade, observamos como o mito e o ritual não apenas refletiam a visão de mundo dos antigos romanos, mas também ajudavam a moldar e consolidar sua identidade cultural. O culto a Príapo, com sua complexa teia de significados e práticas, oferece uma rica exemplificação de como os mitos podem funcionar não apenas como expressões culturais, mas também como mecanismos ativos na formação e reforço de estruturas sociais e identitárias. A análise dessa relação entre mito, culto e identidade revela a profundidade com que a religião e o simbolismo se entrelaçam na vida das sociedades antigas, oferecendo uma visão mais rica e complexa de como os mitos ajudam a moldar a realidade e as identidades individuais e coletivas.

O culto a Príapo, com suas manifestações explícitas e frequentemente cômicas, reflete a importância do falo não apenas como um símbolo de fertilidade, mas também como um emblema de proteção e prosperidade. Sua presença em amuletos, inscrições e rituais destaca a interconexão entre religião e práticas sociais na Roma Antiga, revelando como as representações de Príapo ajudavam a moldar e reforçar as normas de gênero e as expectativas de masculinidade.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Sem

inário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

Este artigo busca explorar o papel significativo do culto a Príapo, analisando como suas representações e práticas religiosas ilustram a relação entre religião, poder e identidade na sociedade romana. Através da análise dos textos e artefatos associados a Príapo, será possível compreender melhor como o culto a essa divindade não só influenciava a fertilidade e a proteção agrícola, mas também refletia e reforçava as normas masculinas e as dinâmicas de poder na Roma Antiga.

2. A ALMA DA CULTURA ROMANA: ENTRE MITOS, RELIGIOSIDADE E LEIS.

É inegável que a religiosidade constitui-se como um dos elementos fundamentais no estudo do desenvolvimento de uma cultura e de uma civilização, bem como, na auto compreensão que os indivíduos inseridos nestes contextos tinham de si mesmos. Portanto, todo o estudo que volta-se à esta expressão humana, isto é, a religiosidade, serve como instrumento e fonte de análise de culturas e civilizações.

O sociólogo e historiador britânico Christopher Dawson em sua obra *Progresso e Religião* desenvolveu e apresentou de maneira mais sintética suas ideias no que a respeito da história da cultura, resumidamente, sustentou que a religião é a alma de uma cultura (2012, p.), Dawson argumenta que a religião é uma característica universal da experiência humana: "Em todas as épocas e culturas, os seres humanos têm buscado respostas para questões existenciais e transcendentais, encontrando significado e propósito através da religião" (2012, p. 200).

Por sua vez, encontramos ao longo da história das antigas civilizações estruturas religiosas que hoje, comumente atribuímos o caráter de *mito*. Contudo, a compreensão hodierna do conceito de *mito* como sendo uma narrativa fantástica que possui o objetivo de explicar a origem de tudo aquilo que existe e é considerado importante para um determinado povo.

Mircea Eliade, um dos mais influentes estudiosos da religião do século XX, por meio de sua vasta pesquisa, construiu uma compreensão profunda na qual os mitos constituem-se como expressões fundamentais da experiência humana do

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Sem
inário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

sagrado. Segundo Eliade, “os mitos não são meras histórias fictícias, mas sim narrativas que revelam verdades eternas e profundas sobre a existência e a realidade” (2019, p.11). Para ele, os mitos servem como um modelo exemplar que as sociedades seguem para entender e viver suas vidas, ligando o profano ao sagrado através da reatualização constante de eventos primordiais (ELIADE, 2019, p.11-12). No pensamento de Eliade, os mitos desempenham um papel crucial na configuração dos rituais religiosos, onde estes últimos atuam como uma reencenação dos eventos míticos originais.

A mais importante diferença entre o homem das sociedades arcaicas e tradicionais, e o homem das sociedades modernas, com sua forte marca de judeu-cristianismo, encontra-se no fato de o primeiro sentir-se indissolúvelmente vinculado com o Cosmo e os ritmos cósmicos, enquanto que o segundo insiste em vincular-se apenas com a História. Claro que, para o homem das sociedades arcaicas, o Cosmo também tem uma "história", embora apenas por ser considerado como uma criação dos deuses, e por ser visto como o trabalho de organização de seres sobrenaturais ou heróis míticos. No entanto, essa "história" do Cosmo e da sociedade humana é uma "história sagrada", preservada e transmitida por intermédio de mitos. Mais do que isso, é uma "história" que pode ser repetida de maneira infinita, no sentido de que os mitos servem como modelos para cerimônias de reatualização periódica dos importantes eventos ocorridos no princípio dos tempos. (ELIADE, 1992, p.8-9)

Esta reatualização dos mitos através dos rituais permite que os indivíduos e as comunidades se conectem com a realidade sagrada, transcendendo o tempo profano e vivenciando um retorno ao tempo primordial (ELIADE, 1992, p.23-48). Este conceito, que Eliade chama de "eterno retorno", é essencial para a manutenção da ordem cósmica e social, e para a continuidade da identidade cultural e religiosa. Esta função dos mitos é central para a estruturação da experiência humana e para a construção da identidade individual e coletiva, assim, os mitos e rituais não apenas explicam a origem das práticas e instituições sociais, mas também servem para reforçar e perpetuar a coesão e a identidade de uma comunidade (ELIADE, 2019, p.11-13).

Portanto, a análise da religiosidade e dos mitos é essencial para compreender o desenvolvimento das culturas e civilizações. Se Dawson evidencia como que a religião é o núcleo vital que dá sentido e unidade a uma cultura, sendo indispensável para sua coesão e progresso. Os estudos de Eliade, por sua vez,

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Sem
inário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

ressignificam o valor que os mitos possuem nas pesquisas históricas e antropológicas pois, estes não são apenas narrativas sagradas que revelam verdades eternas, mas expressões do real e do ser, portanto, servem como modelos exemplares para as sociedades arcaicas. Através dos rituais, esses mitos são constantemente reatualizados, permitindo que os indivíduos e comunidades se conectem com a realidade sagrada e transcendam o tempo profano.

Assim, tanto Dawson quanto Eliade mostram que a religiosidade e os mitos não são meras expressões culturais, mas sim pilares fundamentais na estruturação da identidade e da coesão social. É através dessa perspectiva, que torna-se evidente o quanto a religião e os mitos desempenham um papel crucial na manutenção da ordem social e na continuidade das tradições culturais, reafirmando sua importância no contexto da história humana.

Em sua obra monumental "*História das Crenças e das Ideias Religiosas*", em seu segundo volume, ao qual abrange o período romano. Mircea Eliade sustenta que a religiosidade romana, era caracterizada pelo pragmatismo e pela sacralização das realidades imediatas, enfatizava a importância das relações sociais e coletivas, refletida no conceito de *pietas*. A devoção aos deuses e às relações humanas ordenadas era central, e a desobediência a essas normas era vista como um ato contra a ordem natural (2010, p.202-204).

Para os romanos, a ordem ideal se manifestava na regularidade dos ciclos naturais e qualquer ruptura era vista como uma ameaça ao equilíbrio e uma possível volta ao caos. Fenômenos inusitados eram interpretados como sinais de descontentamento divino, exigindo interpretação por especialistas e ritos de purificação. O culto doméstico, centrado no fogo e nas entidades como os *penates* e os *lares*, manteve-se constante ao longo dos séculos, sendo conduzido pelo *paterfamilias*. Rituais específicos eram realizados durante crises familiares, como nascimento, casamento e morte, com destaque para as cerimônias de transição e os festivais dedicados aos mortos, como as *Parentalias* e as *Lemurias*.

Neste sentido Eliade destaca que:

Até ao fim do paganismo, o culto privado – dirigido pelo *paterfamilias* – manteve a sua autonomia e importância ao lado do culto público, realizado por profissionais dependentes do Estado. Ao contrário do culto público, que

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Sem

inário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

sofreu modificações contínuas, o culto doméstico, celebrado em torno do lar, não parece ter mudado significativamente durante os doze séculos da história romana. (2010, p.203)

No início da era histórica, o panteão romano era caracterizado por uma tríade arcaica composta por Júpiter, Marte e Quirino, com Jano e Vesta desempenhando papéis auxiliares. Jano, o deus das portas e começos, estava no topo dessa hierarquia, simbolizando a transição e os inícios. Vesta, deusa do lar e do fogo perpétuo, ocupava uma posição mais baixa, refletindo a importância do fogo sagrado para a proteção da cidade. A estrutura e a hierarquia dessas divindades eram menos claras do que em outras culturas contemporâneas, como a grega, que já possuía um panteão bem definido e articulado (ELIADE, 2010, 139).

No entanto, a expansão e a influência cultural eventualmente levaram à introdução e assimilação de novas divindades. Durante o período de dominação etrusca, a tríade arcaica original foi substituída pela tríade Capitolina, composta por Júpiter, Juno e Minerva (ELIADE, 2010, p.). Essa mudança refletiu a influência etrusca e grega sobre Roma. Júpiter, agora mais associado com o Zeus grego, assumiu um papel ainda mais dominante como o deus supremo. Juno e Minerva, oriundas da cultura etrusca e grega, foram integradas ao panteão romano, refletindo a assimilação de elementos culturais e religiosos de outras civilizações.

Por sua vez, o historiador britânico William Warde Fowler em sua obra *“The Religious Experience Of The Roman People: From The Earliest Times To The Age Of Augustus”* de 1911, ao analisar a experiência religiosa dos romanos argumenta que um conhecimento aprofundado da história romana é essencial para entender sua religião, assim como o estudo da história judaica é crucial para compreender a religião judaica. A religião romana não pode ser estudada isoladamente, pois está intrinsecamente ligada à sua história e ao desenvolvimento da sociedade romana (1911, p.4-7).

Cabe, portanto, realçar as intrínsecas relações e a influência da religiosidade e o direito romano, bem como, a sua distinta evolução ao longo da história romana:

[...] o elemento religioso na mente romana não era a parte que deixou a impressão mais profunda na história ou contribuiu muito, exceto em aspectos externos, para nossas ideias modernas do Divino e da adoração. Não é, como o direito romano foi, a única grande contribuição do gênio

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Sem

inário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

romano para a evolução da humanidade. Mas o direito romano e a religião romana surgiram da mesma raiz; eles eram, de fato, em origem, uma e a mesma coisa. O direito religioso era uma parte do *ius civile*, e ambos eram originalmente administrados pela mesma autoridade, o *Rex*. [...] À medida que o Estado crescia em população e importância e entrava em contato, amigável ou hostil, com outros povos, tanto a religião quanto a lei do Estado foram chamadas a se expandir, e o fizeram. Mas o fizeram de maneiras diferentes; o direito romano se expandiu organicamente e intensivamente, absorvendo em seu próprio corpo a experiência e a prática de outros povos, enquanto a religião romana se expandiu mecanicamente e extensivamente, assumindo as divindades e o culto de outros sem nenhuma mudança orgânica em seu próprio ser. (FOWLER, 1911, p.6) [Tradução nossa]

Neste sentido, é muito pertinente a distinção etimológica esmiuçada pelo jurista e romanista brasileiro José Carlos Moreira Alves, segundo a qual aponta que no período histórico, isto é, “a partir do momento que temos documentos escritos sobre o direito romano”, *ius* (direito profano) e *fas* (direito sagrado) estavam bem definidos, com *fas* influenciando principalmente o direito público. Duas correntes debatem sua origem: uma acredita que sempre foram distintas, enquanto a outra, dominante, sugere que inicialmente havia apenas regras religiosas, evoluindo para a distinção entre *ius* e *fas*.(ALVES, 2016, p.83).

Neste aspecto, cumpre salientar que historicamente o direito romano caracteriza-se por sua formação “social”, tanto pela jurisdição pretoriana segundo os *mores*, isto é, os costumes e, sobretudo, pela elaboração dos juristas, que somente com Justiniano foi compilada em seu *Corpus Iuris Civilis* do séc. VI d.C. (BOBBIO, 1999, p.30-32). Por sua vez, ao tratar das fontes do direito romano, Alves destaca, que “todos os povos primitivos começam a reger-se pelo costume - complexo de usos praticados pelos antepassados e transmitidos às gerações pela tradição -, pois é ele espontâneo, independente da existência de órgãos que o elaborem” (2016, p.26)

Por sua vez, e em consonância com as ideias desenvolvidas por Eliade, Edwin M. Bevens afirma que “os mitos romanos revelam verdades mais profundas sobre como eles viam o mundo e sua própria história e natureza” (2010,p.15). Em última análise, ambos os sistemas - religioso e jurídico - são testemunhos da complexidade e profundidade da civilização romana, revelando como suas crenças, práticas e instituições estavam interligadas e como elas moldaram a identidade e o

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Sem

inário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

legado romanos. Assim, ao considerar essas perspectivas, é evidente que a religião e o direito romanos, apesar de suas trajetórias distintas, compartilham uma origem comum e desempenham papéis fundamentais na compreensão da civilização romana e sua influência duradoura na cultura e no pensamento modernos.

3. O CULTO A PRIAPO E AS EXPRESSÕES DA MASCULINIDADE ROMANA.

As origens do culto a Priapo remonta ao século IV a.C, na região da Trácia, mais especificamente em Lâmpsaco ou Lampsaki - que corresponde atualmente ao estreito de Dardanelos na Turquia. As características geográficas da região, constitui-se como um corredor natural de ligação entre os povos indo-europeus, resultando em uma região com forte trânsito comercial e, conseqüentemente, de trocas e interações culturais e religiosas. (OLIVA NETO, 2006, p.15).

Inicialmente, o culto à Priapo desenvolveu-se a partir das festividades e rituais relacionados ao deus Dionísio. Já no reinado de Ptolomeu II Filadelfo, foram promovidas diversas festividades cívicas nas quais foram organizadas uma enorme quantidade de procissões a diversas divindades . Conforme as pesquisas do Prof. João Angelo Oliva Neto indicam, as origens do culto a Priapo podem ter relação com a personificação do falo, isto é, representação do membro masculino que eram utilizadas nas festividades e rituais ligados a Dionísio, bem como, existem fábulas as quais relacionam Priapo a deusa Afrodite, que seria fruto de uma relação com Zeus o que, por sua vez, culminou na ira de Hera ao qual o puniu dando enormes proporções ao seu membro (2006, p.16).

Fato é que Priapo, por ser caracterizado como uma entidade itifálica², isto é, sempre representado com uma figura do sexo masculino com seu pênis de proporções enormes e ereto, *vide* Figura 1. Para Oliva Neto, “ser filho de Afrodite e de Dionísio, guardar semelhança com Sileno e os Sátiros - integrantes do cortejo

² O termo é derivado do grego "ithyphallos" que combina "ithys" (ereto) e "phallos" (pênis).

deste deus -, ter papel em rituais orgiásticos, tudo mostra que Priapo é um deus ligado à fecundidade e à abundância” (2006, p.16-17).

Priapo era encarregado de proteger campos e hortas, ele usava o seu falo como se fosse uma arma para defender as plantações contra ladrões, nesse caso, o seu falo representava uma ameaça e uma manifestação de poder (MORAIS, 2009, p.508). Morais ainda recorda que, para os antigos romanos, o órgão masculino era efusivamente representado em diversos utensílios de uso pessoal, bem como, nas edificações (2009, p.509):

O costume requeria que os talismãs fálicos fossem usados livremente e expostos aos olhos de todos, de modo a provocar o riso e, desta maneira, distrair do “mau-olhado” e diminuir a sua força maléfica. Os romanos, em especial as mulheres e as crianças, usavam estes símbolos apotropaicos como amuletos e objetos de adorno, dos quais se destacam os motivos de *phallus* representados *cum testiculis* e *cum scroto*.

Todavia, cabe salientar que a figura do Priapo foi assumindo aos poucos os espaços romanos: primeiros os campos em uma clara vinculação ao carácter de fertilidade, por sua vez, aos poucos foi adentrando em espaços privados e domésticos como os jardins e os Triclínicos romanos, que constituíam-se pelas salas de jantares formais nos edifícios romanos. No estudo de Sanfelice e Garrafone, as historiadoras apresentam uma análise de diversos elementos artísticos pompeianos e, destacam que entre as moradias com tais representações, destaca-se a Casa dos Vetti, pertencente a dois irmãos libertos, famosa por suas pinturas decorativas. Na entrada, há uma imagem do deus Priapo com um falo e uma bolsa de moedas em uma balança [Figura 1] (2022, p. 2015).

Figura 1 – Casa dos Vettii VI 15,1 Pompéia.
Pintura de um Priapo barbudo no vestíbulo.
(Séc. I a.C. - Séc. I d.C.)

Figura 2 – VI.15.1 Pompéia.
Reprodução de Priapo de mármore em
exposição perto do pórtico leste no peristilo,
mas encontrada perto da área da cozinha. (Séc.
I a.C. - Séc. I d.C.).

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Sem
inário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná



Fonte:

https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/ab/House_of_the_Vettii_VI_15%2C1_Pompeii_Paintin_g_of_a_bearded_Priapus_in_vestibule_courtesy_of_Klaus_Heese.jpg



Fonte:

<https://pompeiiinpictures.com/pompeiiinpictures/R6/6%2015%2001%20peristyle.htm>

Esta figura, colocada estrategicamente, tinha como objetivo espantar o mau olhado e trazer prosperidade e fertilidade para os moradores. Além disso, uma escultura de Priapo servia como fonte no jardim [Figura 2], simbolizando sua influência na vida cotidiana da casa.

Conforme leciona Oliva Neto acerca da função exercida por Príapo:

Na figura de Priapo, a associação dos poderes fecundantes e apotropaico materializa-se no caráter fálico. O falo, o membro em estado de ereção, exhibe a imediata disponibilidade para o ato sexual, para o ato a partir do qual se engendra outra vida. (2006, p.20)

No mesmo sentido, o historiador Pedro Paulo A. Funari, recorda que na antiguidade entes itifálicos eram comumente associados a fecundidade e à sorte:

O membro masculino em ereção era associado, na Antiguidade clássica à vida, à fecundidade e à sorte. A própria palavra falo, emprestada pelos romanos aos gregos, designava primordialmente, objetos religiosos em forma de pênis, usados no culto de Baco. (...) O falo não apenas afastava o mal como trazia sorte e felicidade. Recorde-se que a palavra latina *felicitas*, a um só tempo, “felicidade” e “sorte”, ambos os sentidos derivados do sentido original de *felix*, “fertil” (2003, p.316).

Por sua vez, na obra de Amy Richlin “*The garden of Priapus: sexuality &*

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Sem

inário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

aggression in Roman humor”, que busca analisar o humor de cunho sexual na sátira romana, especialmente nas obras de Juvenal, além de explorar as normas sexuais da Roma Antiga, com foco nas diferenças em relação à homoafetividade contemporânea. Richlin destaca que:

A conexão entre formas inferiores e superiores de humor sexual pode parecer leve ou coincidente, com as primeiras parecendo deliciar homens rudes e as últimas apelando para poetas inteligentes e públicos sofisticados. No entanto, essa distinção é falsa; os dois níveis estão intimamente conectados. Uma figura central e ameaçadora, representada aqui pelo deus Priapo, está no coração do humor sexual romano. Esta figura incorpora força, virilidade e traços considerados normais, apelando ao público a confirmar sua normalidade apesar das anormalidades dos outros. Espera-se que o público se identifique com esta figura forte e viril em vez de com suas vítimas, que são retratadas nos termos mais vis. Esta figura é ativa e frequentemente ameaça suas vítimas com punição, seja estupro vaginal, anal ou oral. Em um nível sofisticado, ele mira ideais, figuras exemplares e literatura sublime. (1992, p.58) [Tradução nossa]

Richlin destaca que os estudos apresentados em sua obra demonstram que “ a sexualidade masculina em Roma era agressiva e ativa, direcionada a objetos masculinos e femininos” (1992,p.58). É neste contexto, e com o objetivo de evidenciar ainda mais estas nuances da expressão da masculinidade na cultura romana, que convém apresentar alguns breves textos da *Priapéia latina*³.

A Priapéia latina, constitui-se como uma coletânea de menos de uma centena de poemas com métrica variada, versando sobre temáticas referentes ao Priapo. Tal coletânea foi compilada a partir de obras literárias e inscrições nas esculturas do deus, presentes nos diversos ambientes ao qual era relacionado: campo e jardins, bem como, outros ambientes domésticos.

XIII

*Percidere puer, moneo; futuere puella;
barbatum furem tertia poena manet.*

(OLIVA NETO, 2006, p.214)

13

Se menino, enrabar; se menina, foder;
Ladrões barbados têm terceira pena.

(OLIVA NETO, 2006, p.215)

XVII

Quid mecum tibi, circitor moleste?

17

Importuno guardião, por que te metes?

³ Oliva Neto sugere que a origem da Priapéia latina, “por ação de poeta antologista, tenha subsumido a colaboração particular dos autores compreendidos entre o séc.I a.C e I d.C., inclusive Virgílio.” (2006, p.96)

*Ad me prohibes venire furem?
Accedat, sine: laxior redibit.*

(OLIVA NETO, 2006, p.216)

Por que proibem vir aqui ladrões?
Deixa entrarem pois vão sair mais
largos.

(OLIVA NETO, 2006, p.217)

*XII
Femina si furtum faciet mihi virue puere,
haec cunnum, caput praebet, ille nates.*

(OLIVA NETO, 2006, p.218)

22
Se mulher, se homem, se um menino
vem roubar-me,
em troca dão-me buça, boca ou bunda.

(OLIVA NETO, 2006, p.219)

*XXXV
Pedicabere, fur, semel; sed idem
si prensus fueris bis, irrumabo.
Quod si tertia furta molieris,
ut poenam patiare et hanc et illiam,
pedicaberis irrumaberisque.*

(OLIVA NETO, 2006, p.224)

35
Na primeira, ladrão, vou te meter no cu.
Pego outra vez, vou pôr na boca.
E se teimares num terceiro furto, para
que sofras um castigo e outro, terás teu
cu fodido e tua boca.

(OLIVA NETO, 2006, p.225)

A seleção de epigramas priápicos acima evidentemente gera diversas reações ao leitor, ao que tudo indica, o mesmo efeito que à um romano de muitos séculos atrás: riso, assombro, consternação e até mesmo medo. Richlin recorda que “espera-se que o público se identifique com esta figura forte e viril em vez de com suas vítimas, que são retratadas nos termos mais vis”.

Cumpramos realçar que estes poemas exprimem aquilo que Holt Parker definiu como “o sonho de todo estruturalista” (1997, p. 48). Segundo Parker, “o esquema sexual romano era rigidamente falocêntrico, enraizado na natureza. Assim, ‘ativo’ era por definição ‘masculino’ e ‘passivo’ era por definição ‘feminino’”. Mais que isso, os Poemas 22 e 35 demonstram certa “hierarquia” nas práticas e posições sexuais. Enquanto homens “ativos” poderiam praticar inserções vaginais, anais ou orais, mulheres e homens “passivos” eram receptores dessas práticas, refletindo uma estrutura rigidamente falocêntrica que definia a sexualidade e os papéis de gênero na Roma antiga (PARKER, 1997, p.48-49).

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Sem
inário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

4. A DINÂMICA SOCIAL E PSICOLÓGICA DO CULTO A PRÍAPO: O PAPEL DO CULTO A PRÍAPO NA CONSTRUÇÃO DE UMA MASCULINIDADE.

Jonathan Walters (1997), demonstra que a concepção de sexualidade masculina na Roma Antiga, estava essencialmente fundamentada na ideia de impenetrabilidade do corpo masculino como um padrão conceitual que qualificava os indivíduos de alto status social. O termo "*vir*" era reservado para homens adultos, cidadãos romanos e nascidos livres, que detinham o topo da hierarquia social e eram vistos como "penetradores sexualmente impenetráveis". Essa caracterização, ancorada no status social, ia além do sexo biológico e refletia uma identidade masculina baseada na capacidade de defender o próprio corpo. Ser um cidadão romano "*vir*" implicava em uma integridade corporal tanto social quanto sexual, marcando uma distinção entre os homens livres, capazes de penetrar sexualmente outros, e aqueles penetrados, independentemente do sexo, mas com restrições baseadas no status social. Este conceito de inviolabilidade corporal refletia uma identificação de integridade física e social para a elite romana, que não era sujeita a castigos físicos, mas sim a multas ou exílio em caso de infração (VEYNE, 2020, p.223-224).

A "Grade Teratogênica" de Holt Parker (1997) oferece uma análise abrangente da devassidão sexual romana, complementando a investigação de Walters sobre as suposições masculinas. Parker simplifica a taxonomia dos atos sexuais na literatura romana para revelar o humor subjacente e as normas sociais. Ele discorda da visão de Foucault de que os atos sexuais antigos não eram categorizados (FOUCAULT, 2023), sugerindo que a ideologia romana molda "personas sexuais" ao isolar práticas específicas e designar praticantes. Por exemplo, o homem normativo, o "*vir*", é caracterizado por uma penetração enérgica, enquanto a receptora feminina, a "*puella*", é penetrável por qualquer orifício (PARKER, 1997).

Ao tratar do padrão de masculinidade na Roma antiga, Parker fornece

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Sem
inário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

uma definição esclarecedora a respeito dos papéis que o se esperava de um homem romano a partir de Priapo. Segundo a historiadora, “de acordo com o modelo priápico, um “*vir*” penetrará qualquer pessoa em qualquer orifício, obtendo prazer e buscando ativamente encontros sexuais” (PARKER, 1997, p.55).

Essa noção de um *vir* não é equivalente ao nosso conceito moderno de um “heterossexual” porque um *vir* pode se envolver em sexo com outros homens para afirmar sua masculinidade. Exemplos históricos incluem Catulo e Valério Asiático, que afirmaram sua masculinidade fazendo sexo com outros homens.

Embora alguns homens possam mostrar um interesse predominante em mulheres, como Cláudio, que Suetônio notou que não tinha experiência com homens, isso não constitui uma categoria sexual exclusiva como nossa noção de heterossexualidade. Termos como *ancillariolus* ou *mulierosus* eram usados com humor e não implicavam interesse exclusivo em mulheres. (PARKER, 1997, p.55) [Tradução nossa]

Portanto, os romanos não diferenciavam entre heterossexual e homossexual como fazemos atualmente. Em vez disso, eles utilizavam a distinção entre ativo e passivo para compreender a sexualidade. Assim, um homem que praticasse *cunnilingus*⁴ seria visto como passivo pelos romanos, embora hoje ele fosse considerado heterossexual. Da mesma forma, um homem que recebesse *fellatio*⁵ de outro homem era considerado ativo no contexto romano, mas seria classificado como homossexual na visão contemporânea. O conceito romano de um “*vir*” e a noção moderna de um heterossexual são, portanto, estruturalmente diferentes (PARKER, 1997, p.55).

Por sua vez, a partir da análise da origem e expressões artísticas e religiosas de Priapo, podemos inferir aspectos da compreensão normativa que se tinha das relações sexuais, sobretudo, dos papéis de gênero. Portanto, longe de uma aparente liberdade sexual, a sexualidade romana apresenta-se como altamente estruturada e a reforçar o binarismo sexual, reforçando ao masculino suas nuances de agressividade, força, dominação, violência, penetrabilidade, etc.

Em latim, quando um homem era penetrado sexualmente por outro, uma

⁴ Fontes romanas revelam que o cunnilingus é visto como um homem sendo usado por uma mulher, sendo considerado passivo, semelhante a ser penetrado vaginalmente. No sistema sexual romano, a distinção crucial é entre ativo e passivo, não entre gêneros. (PARKER, 1997,51-53)

⁵ Sexo oral entre dois homens. (PARKER, 1997, p.49)

maneira padrão de descrever isso era usar a expressão *muliebria pati*, ou seja, ele era definido como "tendo uma experiência feminina." Esse uso é um exemplo particular de um uso linguístico mais amplo, onde *pati* e seus cognatos são usados para descrever a atividade homossexual masculina, referindo-se ao papel do penetrado. A palavra *pati* e seus parentes linguísticos significam "sofrer" ou "ser o objeto de um evento", e no contexto sexual, denota o parceiro "passivo" ou penetrado. Esta descrição está de acordo com a visão pública romana de que o sexo é uma rua de mão única, onde o parceiro ativo possui um falo e a atividade envolve necessariamente penetração fálica. (WALTERS, 1997, p.30)

Essa visão enfatiza o prazer do parceiro "ativo" e a percepção de que o outro está lá principalmente para o uso do penetrador. A atividade sexual é geralmente entendida como penetrativa, com o prazer atribuído ao penetrador e a relação refletindo um desequilíbrio de poder. O termo "*muliebria*" para o homem sexualmente receptivo/passivo destaca que isso não é visto como uma característica masculina na visão romana, onde o status de "*vir*" é reservado a homens livres e de alta posição social, excluindo jovens, escravos e ex-escravos. Assim, a distinção entre penetráveis e impenetráveis é tanto uma questão de status social quanto de gênero.

O culto a Priapo desempenhou um papel significativo na construção da masculinidade romana ao integrar símbolos e práticas que enfatizavam características associadas ao poder, virilidade e controle sexual. Priapo, uma divindade com uma impressionante representação fálica, era associado tanto à fecundidade quanto à proteção de campos e hortas. A sua presença nas festividades e rituais, bem como nas casas e jardins, refletia uma valorização da potência sexual e da força masculina como aspectos centrais da identidade romana.

Priapo, com seu falo proeminente, simbolizava a virilidade e a capacidade de proteger e assegurar a prosperidade. A ideia de que o falo de Priapo servia como uma arma para defender as plantações contra ladrões não apenas reforçava a conexão entre a sexualidade e o poder, mas também integrava a figura do deus em práticas de controle e proteção, elementos fundamentais na construção da masculinidade. Este culto, ao associar o poder sexual à capacidade de proteger e garantir a fertilidade, reforçava a imagem do homem romano como um ser dominante e protetor.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Sem

inário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

Além disso, a representação de Priapo em espaços privados e domésticos, como jardins e triclinos, demonstra como a virilidade era uma característica desejada e expressa não apenas em contextos públicos, mas também na vida cotidiana. A presença de Priapo em ambientes íntimos, como a Casa dos Vetti, sugere que a virilidade e a proteção associadas ao deus eram valores apreciados e aspiracionais na esfera privada dos romanos. As representações artísticas e os epigramas priápicos, frequentemente carregados de humor e agressividade, evidenciam a forma como a masculinidade romana era projetada e reforçada através de símbolos fálicos.

Os poemas priápicos analisados, com sua linguagem explícita e ameaçadora, demonstram um ideal de masculinidade que valorizava a agressividade sexual e a capacidade de dominar. Esse ideal estava intrinsecamente ligado à noção de um homem romano/*vir* como alguém que, ao contrário de ser passivo ou penetrado, devia se posicionar como ativo e dominante.

Portanto, o culto a Priapo contribuiu para a construção de uma masculinidade romana que incorpora e exalta valores relacionados à força, virilidade e controle sexual. Através de sua representação em diversos contextos e a associação com práticas protetoras e agressivas, Priapo ajudou a moldar uma visão da masculinidade que enfatizava a dominância e a potência como características essenciais do homem romano.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo mostra-se profundamente alinhado com as pesquisas e estudos desenvolvidos pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, sobretudo, em sua obra *A dominação Masculina* de 1998. Na referida obra, resulta de um estudo etnográfico na qual teve como escopo a análise de como a masculinidade é socialmente construída e como a dominação masculina é perpetuada por meio de práticas e instituições sociais que legitimam e reproduzem a desigualdade de gênero.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Sem
inário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

Essa dominação masculina não se manifesta apenas em termos de controle econômico ou político, mas também em formas mais sutis, como normas culturais, comportamentos e ideologias que reforçam a supremacia masculina. Bourdieu argumenta que essa dominação é mantida e reproduzida por meio de práticas sociais cotidianas, símbolos culturais e relações de poder que moldam as percepções e comportamentos das pessoas, tanto homens quanto mulheres (BOURDIEU, 2024)

No contexto da Roma Antiga, o culto a Príapo não só refletia, mas também afirmava ideais de virilidade e poder masculino através de rituais e símbolos, como amuletos e representações eróticas. Essa prática ajudava a consolidar uma identidade masculina específica e a afirmar a supremacia dos homens na sociedade romana. Por sua vez, Bourdieu argumenta que a dominação masculina não se manifesta apenas através de controle econômico ou político, mas é sustentada e reproduzida por meio de normas culturais, comportamentos e ideologias que reforçam a supremacia masculina. Ele destaca que práticas sociais cotidianas e símbolos culturais desempenham um papel crucial na manutenção dessas estruturas de poder, moldando as percepções e comportamentos das pessoas.

O trabalho de construção simbólica não se reduz a uma operação estritamente *performativa* de nomeação que oriente e estruture as *representações*, a começar pelas representações do corpo (o que ainda não é nada); ele se completa e se realiza em uma transformação profunda e duradoura dos corpos (e dos cérebros), isto é, em um trabalho e por um trabalho de construção prática, que impõe uma *definição diferencial* dos usos legítimos do corpo, sobretudo os sexuais, e tende a excluir do universo do pensável e do factível tudo que caracteriza pertencer ao outro gênero. (BOURDIEU, 2024, p.45)

Assim, tanto o culto a Príapo quanto as ideias de Bourdieu revelam como as normas e práticas culturais são fundamentais para sustentar e reforçar a dominação masculina, seja no contexto histórico da Roma Antiga ou nas dinâmicas sociais contemporâneas. Enquanto Eliade mostra como os mitos estruturam a identidade e a realidade cultural, Bourdieu analisa como essas construções simbólicas sustentam relações de poder e desigualdades de gênero, revelando a interconexão entre práticas culturais, identidade e poder nas sociedades antiga e contemporânea.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Sem

inário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

6. REFERÊNCIAS

ALVES, José Carlos Moreira. **Direito romano**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 2016.

BEVENS, Edwin M. **A Sacred People: Roman Identity in the Age of Augustus**. Georgia State University, 2010. Disponível em: https://scholarworks.gsu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1041&context=history_theses Acesso em 31 de julho de 2024.

BOBBIO, Norberto. **O positivismo jurídico: lições de filosofia do direito**. 1ª ed. São Paulo: Icone, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Difel, 2024.

DAWSON, Christopher. **Progresso e religião: uma investigação histórica**. 1ª ed. São Paulo: É realizações, 2012.

ELIADE, Mircea. **História das crenças e das ideias religiosas. Vol.1 - Da Idade das pedras aos mistérios de elêusis**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

ELIADE, Mircea. **História das crenças e das ideias religiosas. Vol.2 - De Gautama Buda ao triunfo do cristianismo**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

ELIADE, Mircea. **Mito do eterno retorno**. 1ª. São Paulo: Mercuryo, 1992.

FOWLER, William Warde. **The Religious Experience Of The Roman People: From The Earliest Times To The Age Of Augustus**. 1ª ed. Londres: MacMillan and co., 1911. Disponível em: https://www.gutenberg.org/cache/epub/23349/pg23349-images.html#Page_1 Acesso em 31 de julho de 2024.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade, volume III: O cuidado de si**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2023.

FUNARI, Pedro Paulo A. “**Falos e representações sexuais: representações romanas para além da natureza**” in: Funari, P.P.A. et alli (orgs.) **Amor, desejo e Poder na Antigüidade – Relações de gênero e representações do feminino**. Campinas: Ed. Unicamp, p. 317-325, 2003.

MORAIS, Rui. “**Iconografiada Sexualidade na Cultura Romana**” p.505-520. In:

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Sem
inário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

RAMOS, J.A.; FIALHO, M.; RODRIGUES, N.S. (Orgs). A sexualidade no mundo antigo. Portugal: Clássica – Artes Gráficas, 2009.

OLIVA NETO, João Angelo. **Falo no jardim: priapéia grega, priapéia latina.** 1ª ed. Campinas: Editora Unicamp, 2006.

PARKER, Holt N. **The Teratogenic grid.** p. 47-65. In: HALLET, J. P.; SKINNER, M. Roman Sexualities. Princeton: University of Princeton Press, 1997.

RICHLIN, Amy. **The garden of Priapus: sexuality & aggression in Roman humor.** 2ª ed. New York: Oxford University Press, 1992.

SANFELICE, Pérola de Paula; GARRAFFONI, Renata Senna. **A religiosidade em Pompeia: Memória, sentimentos e diversidade.** MNEME – revista de humanidades, 12 (30), p. 204-226, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/1253> Acesso em: 31 de julho de 2024.

VEYNE, Paul. **Sexo y poder en Roma.** Buenos Aires: Paidós, 2020.

WALTERS, J. **Invading the Roman Body: Manliness and impenetrability in Roman thought.** p. 29-43. In: HALLET, J. P.; SKINNER, M. **Roman Sexualities.** Princeton: University of Princeton Press, 1997.